

## COM DESENHOS E AFETOS: ESTUDANTES EM BUSCA DA POTÊNCIA CRIATIVA

## WITH DRAWINGS AND AFFECTS: STUDENTS IN SEARCH OF CREATIVE POTENCY

Márcio Santos Lima  
Claúdia de Medeiros Lima

Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Professor efetivo de Desenho no Instituto Federal de Sergipe (IFS). É artista, desenhista e desenhador com exposições coletivas no Brasil e em Portugal. É membro do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE/ECA/USP). <https://orcid.org/0000-0001-7775-8504>

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e do Programa de Pós Graduação em Educação. É membra do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UFS/CNPq). <https://orcid.org/0000-0002-9914-0585>

Submetido: 04 de fevereiro de 2023

Aceito: 15 de outubro de 2023

Publicado: 17 de novembro de 2023

# COM DESENHOS E AFETOS: ESTUDANTES EM BUSCA DA POTÊNCIA CRIATIVA<sup>1</sup>

Márcio Santos Lima<sup>2</sup>

Cláudia de Medeiros Lima<sup>3</sup>

**Resumo:** O trabalho é um relato de experiência aplicada em uma instituição de ensino superior, na unidade curricular Ilustração da turma do 3º ano do curso de Arte e Design, cuja proposta se constitui pelo traçado de caminhos didáticos a fim de possibilitar aos estudantes a organização de encontros em torno dos afetos alegres. Como objetivo central de trabalho intentamos discutir a importância dos encontros afetivos para o desenvolvimento dos processos do aprender e da potência criativa. Esta investigação adota a abordagem qualitativa. Para a fundamentação teórica realiza aproximações com a teoria dos afetos de Benedito Espinosa e, também, com o debate sobre o aprender de Gilles Deleuze. Os dados foram produzidos a partir do desenvolvimento e observação em oficinas artístico-pedagógicas, bem como, pela utilização de questionários semiestruturados, ambos realizados com os estudantes participantes da pesquisa. Já as análises ocorreram pela aplicação da análise de conteúdo de Bardin, que nos apresentaram resultados significativos para o aumento das potências individuais e coletivas, posto que as oficinas proporcionaram momentos de partilhas, vivências afetivas e experimentações diversas de técnicas de desenho, além de verificarmos a exploração de instrumentos variados, alguns dos quais resistidos e/ou desconhecidos por parte dos estudantes. Os resultados sugerem, inclusive, a importância da ação docente e da linguagem artística do desenho como pontos fundamentais para auxiliar os estudantes na organização de encontros alegres.

**Palavras-chave:** Afetos; Ilustração; Aprendizado; Desenho; Criação.

---

<sup>1</sup> <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.8.122>

<sup>2</sup> Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Professor efetivo de Desenho no Instituto Federal de Sergipe (IFS). É artista, desenhista e desenhador com exposições coletivas no Brasil e em Portugal. É membro do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE/ECA/USP). <https://orcid.org/0000-0001-7775-8504>

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e do Programa de Pós Graduação em Educação na linha de Pesquisa Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional. É membra do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UFS/CNPq).

## WITH DRAWINGS AND AFFECTS: STUDENTS IN SEARCH OF CREATIVE POTENCY

**Abstract:** The work is an experience report applied in a higher education institution, in the 3rd year class of the Art and Design course, of the Illustration curricular unit, whose proposal is constituted by the tracing of didactic paths in order to enable students to organize of encounters around happy affects. As a central objective of the work, we intend to discuss the importance of affective encounters for the development of learning processes and creative potency. This investigation adopts a qualitative approach. For the theoretical foundation, it makes approximations with Benedito Espinosa's theory of affects and, also, with the debate on learning by Gilles Deleuze. The data were produced from the development and observation in artistic-pedagogical workshops, as well as, through the use of semi-structured questionnaires, both carried out with the students participating in the research. The analyzes took place through the application of Bardin's content analysis, which presented significant results for the increase of individual and collective potencies, since the workshops provided moments of sharing, affective experiences and experimentation with different drawing techniques, in addition to verifying the exploration of varied instruments, some of which were resisted and/or unknown by the students. The results even suggest the importance of teaching and the artistic language of drawing as key points to help students organize happy meetings.

**Keywords:** Affects; Illustration; Learning; Drawing; Creation.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central discutir sobre a importância dos afetos nos processos de aprendizado de estudantes do ensino superior, tomando como base a análise de uma experiência com alunos do terceiro ano de uma instituição na cidade de Bragança, em Portugal. Para tanto, apresentamos um relato de procedimentos a partir do desenvolvimento e observação de oficinas com os estudantes, realizadas durante a unidade curricular de Ilustração do curso de Licenciatura em Artes e Design.

A investigação que apresentamos faz parte de buscas por práticas de ensino que valorizem a potência<sup>4</sup> produzida pelos encontros entre os estu-

---

<sup>4</sup> Para Espinosa (2020) potência é o termo equivalente ao *conatus*, que se refere ao esforço que toda coisa na natureza exerce para se manter e para se expandir.

dantes e seus meios de produção artística. Para além das aulas expositivas, apresentamos a elaboração de oficinas artístico-pedagógicas como possibilidades alinhadas aos processos de criação e desenvolvimento de desenhos de ilustrações com propostas gráficas, de forma que as ideias visuais possam, realmente, corresponder aos interesses pessoais e, também, revelar sentidos específicos para seus autores.

Entendemos, outrossim, que os processos do aprender dependem desses sentidos individuais encontrados pelo próprio aprendiz e que o ensino do professor por si só não pode garantir o alcance. Dessa forma, percebemos que o papel da educação institucionalizada deve ser propiciar momentos para que os estudantes interpretem os diversos signos presentes no cotidiano e em suas experiências de vida. É sobre essa premissa que reside a importância deste trabalho, pensar sobre as práticas educativas como ato de liberdade daqueles que ensinam e, sobretudo, daqueles que aprendem. Considerando, especialmente, que não há aprendizado que extrapole a repetição sem que haja aumento da potência individual, fenômeno somente possível quando se é afetado pela alegria.

A fim de incentivar a busca de estudantes pelos sentidos singulares para as atividades em questão, utilizamos o desenho como eixo condutor por três principais motivos. Primeiro, devido à natureza da unidade curricular Ilustração, que tem neste saber suas bases comunicativas e expressivas. Segundo, por o entendermos como uma grande área de conhecimento que pode englobar além da comunicação, a expressão, a reprodução, a ideia, o desígnio e o pensamento humano. O desenho transita por entre as mais diversas profissões como atividade plasmável e interdisciplinar (Lima, 2020). E terceiro, porque o percebemos, também, como ação que envolve tanto o fazer prático quanto o teórico, e por natureza, refuta a fragmentação, socialmente criada e imposta, entre trabalho manual e intelectual.

Destarte, o entendimento alargado do desenho de caráter artesanal e como linguagem integradora é priorizado nas diversas atividades propostas nas oficinas de ilustração, sobretudo, quando exploramos a artesanaria como forma de aproximar teoria e prática, mente e mão, projeção e execução. Conforme reivindica Mubarac (2013, s/p), “Há que se pensar numa epistemologia do

artesanal”, de modo que a prática e o conhecimento sobre a matéria estejam intimamente relacionados como o juízo teórico. Segundo o autor, “percepção, sensação, inteligência e afetos se reúnem numa espécie de simpatia cósmica”.

É importante destacar que procuramos aproveitar o máximo das preferências por tipos de desenho que os estudantes já tinham familiaridade, de maneira que houve maior liberdade para as escolhas sobre os processos, técnicas e instrumentos tradicionais ou digitais utilizados.

As ferramentas até mudam com o avanço tecnológico, contando hoje com uma ampla variedade de dispositivos e aplicativos para desenho, porém, o aspecto de “feito à mão” permanece. A opção pelo uso de meios digitais ou tradicionais reforça a natureza eclética do ilustrador que mantém o desenho como sua principal arma. (Zeegen, 2009, p. 72).

A liberdade de escolha dos meios, sejam tradicionais ou digitais, foi idealizada para que o participante das oficinas priorizasse os processos criativos, definindo seus projetos em acordo com a própria organização dos encontros com a arte e afins.

Para esta investigação nos utilizamos da abordagem qualitativa, optando na pesquisa bibliográfica dialogar com os conceitos dos afetos, de Benedito Espinosa, e do aprender, de Gilles Deleuze. Quanto à produção dos dados empíricos, estes surgem da pesquisa-intervenção e aplicação de questionários semiestruturados direcionados aos estudantes que participaram do componente curricular Ilustração, bem como, da observação realizada durante as atividades em sala de aula. Para as análises optamos pela técnica de análise do conteúdo, de Laurence Bardin.

O artigo está dividido em tópicos, neste primeiro apresentamos um panorama geral para nosso objeto de estudo, a importância do tema para o processo educacional e uma breve descrição sobre os processos de desenvolvimento da pesquisa. No próximo tópico apresentaremos, ainda que brevemente, os aportes teóricos que fundamentam a investigação. Para o terceiro tópico indicaremos os métodos e processos desenvolvidos em sala de aula, os quais foram objeto de observação e registros para esta investigação. Já no quarto, traremos os resultados das análises dos estudantes acerca do próprio processo de aprender na unidade curricular Ilustração, para, por fim, apresentarmos algumas considerações a que chegamos com este trabalho.

## DESENHOS E AFETOS: UM CAMINHO PARA A POTÊNCIA CRIATIVA

De acordo com Richard Sennett, em seu livro *O artífice*, a “civilização ocidental caracteriza-se por uma arraigada dificuldade de estabelecer ligações entre a cabeça e a mão, de reconhecer e estimular o impulso da perícia artesanal” (2009, p. 20). Desenhar, portanto, pode propiciar um caminhar em direção contrária a essa ontológica divisão, pois sugere maior sensibilidade aos signos e à criação de novas formas de abordagem acerca dos fenômenos observados.

[...] o desenho, pela sua natureza de articular mente e mão, pela sua dimensão total e integral em suas conexões com a vida e com outras áreas do saber humano, constitui um saber-fazer de grande potencial a serviço de uma educação humanística. Como afirma Fröebel (apud Trinchão, 2008, p. 116), “o desenho conduz ao entendimento, às faculdades intelectuais, ao espiritual, ao corporal, ao externo, à destreza da mão, desenterra o tédio e a ociosidade”. Em outras palavras, o desenho promove uma formação inteira, integral, completa e rizomática. (Lima, 2020, p. 97).

Essa perspectiva, na qual o ato de desenhar se insere, nos ajuda a perceber a interdependência entre o fazer e o pensar, entendendo que não há separação, mas uma simbiose entre mente e corpo (mão), entre afetos e razão, que compreende a integralidade do ser e do fazer humano.

Nesse sentido, faz-se razoável resgatarmos o conceito de manualidade<sup>5</sup> para fundamentar a interlocução entre corpo e mente, sem, necessariamente, hierarquizá-los ou limitá-los à soberania da razão. “Não há na manualidade o mecânico e o intelecto como fragmentos da ação, tampouco uma cisão entre teoria e prática, pois tudo está imbricado. É manuseando que se aprende e se apreende o modo de agir” (Lima, 2020, p. 238).

A manualidade empregada para o ato de desenhar, inclusive, fortalece o esforço por reflexões em torno do combate à divisão social do trabalho, que

---

<sup>5</sup> O conceito de manualidade, desenvolvido por Martim Heidegger (2001) é mencionado nesse contexto abordando apenas a sua essência básica: o modo de lidar, manipular, ocupar-se com instrumentos fazedores ou com a função de construir algo, seja material, como qualquer objeto, ou não material, o que o filósofo chama de “jeito” em íntima relação com o intelecto.

trata os fazeres da mão inferiores aos da mente, como já dizia Sennett (2009, p. 57), “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente”. Talvez possamos afirmar que essa assimetria acentuada no mundo ocidentalizado tem se fortalecido pela supervalorização da racionalidade, que, inclusive, corresponde à ocupação de posição de comando e prestígio por aqueles que exercem atividades ditas intelectuais. O que significa dizer que a concepção dualista do ser humano coopera com a segregação social e justifica as desigualdades entre saber e fazer.

A fim de apresentarmos os afetos<sup>6</sup> na concepção do ser integral, buscamos um alicerce que sustentasse a igualdade de importância destes com a razão. “A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece.” (Espinosa, 2020, p. 99). Nesse excerto encontramos a afirmação sobre a importância dos afetos como condição para se alcançar as ideias adequadas, o pensamento puro, aquele que excede a representação do real, que alcança a causa eficiente. É preciso ir além das aparências, superar o que está dado, avançar sobre os efeitos das coisas que a nossa sensibilidade reconhece.

Para Espinosa nem toda ação da mente pode ser considerada pensamento, pois o homem é facilmente enganado pela imaginação, tendo em vista que ela é a nossa maneira primeira de conhecer as coisas. Ocorre que somos constantemente impactados pelos outros corpos da natureza. Desses encontros se registram marcas corpóreas, sobre as quais nossa mente dá origem a ideias que realizamos sobre elas, ao que chamamos afetos. Por essa razão consideramos os afetos como ideias vagas sobre as coisas, porque eles são volúveis, sustentam-se sobre nossas percepções sensoriais. Mas, apesar disso, são imprescindíveis ao processo de aprendizado, pois não há conhecimento sem o estado de afetação.

A diferença que pode nos levar a avançar do estado imaginativo e nos livrar da dependência da ideia que mantemos sobre a presença dos corpos ex-

---

<sup>6</sup> O conceito de afetos em Espinosa diz respeito à variação da força que garante a permanência e que está sempre em busca por ampliação do ser, existir e agir dos corpos. Os afetos surgem como ideias sobre as modificações que ocorrem após os encontros corporais e, podem ser classificados em afetos de tristeza ou afetos de alegria.

ternos em nós está no tipo de afeto gerado. Se forem afetos tristes diminuirão nossa potência, mas se forem afetos alegres a aumentará. Em nenhuma das situações, contudo, atingimos o grau de atividade necessária para produzir pensamento puro, mas é a paixão alegre o estado capaz de mudar nosso ânimo e nos levar a sair da passividade. Por isso, a alegria é a condição para a criação de novas formas de ver, interpretar e reinventar a realidade.

O que Espinosa (2020) nos alerta é que tanto os afetos quanto a razão, ambos têm o mesmo grau de importância no processo do conhecimento, portanto, faz-se necessário superar a velha crença de que a razão domina e controla os afetos, antes é preciso entender estes últimos como estágio primordial do ser, existir e agir do ser humano no mundo.

“A aprendizagem não se faz na relação da representação com a ação (como reprodução do Mesmo), mas na relação do signo com a resposta (como encontro com o Outro)” (Deleuze, 2006, p. 31). Sob influência da concepção espinosana acerca dos afetos, Deleuze desenvolve sua teoria sobre o aprender em um plano de imanência, colocando os signos, experiências e pensamentos no mesmo patamar de importância. A partir da interpretação sógnica e do entendimento sobre o próprio ato de pensar é que ele define o aprender como um intervalo entre o saber e o não saber. O aprender nessa perspectiva é o resultado do imbricamento entre os sentidos atribuídos aos signos e o exercício de problematização particular do aprendiz sobre a realidade, que segue em busca de novas formas de pensar e fazer as coisas.

O ato criativo requer, portanto, distinção entre o que é efeito e causa na relação entre as coisas da natureza. Somente o ser autônomo e ativo é capaz de encontrar em si o sentido para o conhecimento. Esse é um exercício que depende da ação de mente e corpo, do pensamento em parceria com os afetos. Sem reconhecer e compreender o poder dos afetos, bem como, o funcionamento intelectual, não há como alcançar o pensamento puro, no qual reside a potência criativa.

É importante alertar que o autor chama de pensamento puro aquele que vai além da condição primeira de sensibilidade empírica e não em oposição ao pensamento falso, pois tanto a ação atribuída à sensibilidade (pensamento imaginativo) quanto a ação imputada à razão (pensamento racional) têm a mesma importância, apesar de serem expressões distintas em

natureza. Ao partirmos da compreensão de interdependência entre afetos e razão trazemos a potência criativa como valorização da alegria no processo de aprendizado dos estudantes.

Sabemos, contudo, que o trabalho por nós desenvolvido é apenas uma das inúmeras ações que se pode realizar visando o entendimento e moderação dos estudantes acerca da origem e do impacto dos afetos no próprio corpo, saindo do domínio imaginativo para elaboração de pensamento. Mas, acima de tudo, entendemos que toda ação educativa deve priorizar a alegria como meio pelo qual todos os estudantes realizem o melhor que consigam fazer segundo a própria potência. Quanto à arte, consideramo-na a via necessária para a manifestação criativa em quaisquer áreas do conhecimento.

## MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho resulta de uma pesquisa-intervenção realizada no período que compreende os meses de setembro/2021 a janeiro/2022 com uma turma de 47 estudantes do 3º ano letivo do curso de Licenciatura em Arte e Design em uma instituição de nível superior da cidade de Bragança, em Portugal (Escóssia & Tedesco, 2015).

Esta pesquisa-intervenção apresenta-se como proposta transformadora de realidade a partir da participação ampla e ativa de todo o grupo envolvido. Pois, segundo Escóssia & Tedesco (2015), interagir com a realidade é sempre uma ação de interferência que modifica os objetos e, assim, a pesquisa no próprio ato de investigação já produz novas formas de existência e de relações com as coisas. Mais que debruçar-se sobre o objeto investigado, portanto, a pesquisa-intervenção debruça-se junto com os participantes para compreender o processo de interpretação e produção das distintas realidades.

Aderimos à proposta das oficinas por entender que estas se apresentam como meios favoráveis ao desenvolvimento e/ou à expressão da liberdade para o aprendizado, possibilitando projetos afetivo-criativos dos estudantes. “Ao fazer e inventar coisas, se inventam ao mesmo tempo. Nas oficinas ocorrem relações com as pessoas, com o material e consigo mesmo.” (Kastrup & Barros,

2015, p. 84). Assim, se mostram atividades menos diretivas, que por sua vez, implicam em maior demanda por envolvimento, partilha e autonomia dos estudantes, situações que estimulam processos formativos e autoformativos favoráveis à ampliação conativa<sup>7</sup> dos estudantes. Como espaços multissensoriais, criamos ambientes nos quais os próprios participantes pudessem realizar suas opções por técnicas, instrumentos, pares de trabalho, de forma que várias linguagens da ilustração pudessem ser utilizadas.

O outro procedimento que utilizamos para permitir a expressão dos estudantes acerca dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas, foi o questionário semiestruturado. Este foi enviado por *e-mail* através do *Google Forms*, sem necessidade de identificação do participante, o que preservou a identidade dos mesmos. Destacamos que no projeto inicial estava prevista a realização de entrevistas narrativas, mas devido ao breve prazo de encerramento do período letivo e da necessidade de retorno dos pesquisadores ao seu país de origem, precisamos alterar para a aplicação de questionários digitais. No que, optamos por aplicar algumas questões abertas que permitissem aos estudantes narrar um pouco sobre suas experiências durante as oficinas realizadas, tendo em vista a importância da livre expressão para esta investigação.

O questionário seguiu um roteiro com duas perguntas objetivas, para identificar o perfil dos jovens, e seis perguntas abertas, que utilizamos para entender a compreensão dos estudantes acerca da importância dos desenhos e dos afetos no exercício do aprender. Por haver valores absolutos e relativos nas respostas dos participantes alguns números apresentam-se superiores à quantidade de entrevistados, o que pode resultar que uma mesma resposta se enquadre em mais de um tema inicial.

Dentre os quarenta e sete estudantes, trinta e um participaram da pesquisa ao responderem aos formulários enviados. Entre estes vinte estudantes se identificaram pelo sexo feminino e onze pelo sexo masculino, em faixa etária, majoritariamente, entre 18 e 30 anos, havendo apenas duas alunas entre 41 e 50 anos e uma acima dos 50.

---

<sup>7</sup> Conativa é um termo derivado do conceito de *conatus* espinosano, portanto, refere-se ao esforço natural de todas as coisas para se manterem produtivas na existência.

Para realizar a leitura dos dados utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1995). Na ordem de três fases, iniciamos com a pré-análise ao partirmos dos critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Após a exploração do material compomos os eixos para a codificação e análise qualitativa. A partir das respostas dos questionários utilizamos quadros para agrupar os 32 temas iniciais e em seguida, na análise temática, definimos os 10 eixos de acordo com os objetivos e respostas dos estudantes. Por fim, chegamos a três categorias de análise: importância dos afetos na formação juvenil; encontros de corpos no cotidiano acadêmico; e ampliação da potência humana.

## OFICINAS COMO ESPAÇOS PARA PROMOÇÃO DE LIBERDADE E PENSAMENTO

Nada melhor do que trabalharmos em espaços e ambientes que propiciem o máximo de nossa potência criativa, sobretudo quando se trata de artes, e nas palavras de Sennett (2009) a oficina “é a casa do artífice”, é o lugar da cooperação, onde são desenvolvidos gestos tácitos de convivência entre os artesãos, em que se percebe harmonia na comunicação não verbal à base de confiança recíproca. Para o autor, os gestos cotidianos realizados durante o fazer artesanal superam a mera produção de objetos ao fortalecerem os vínculos interpessoais, que se fazem importantes para a vida comunitária.

Por esta ótica, a oficina surge, também, como espaço da coletividade, do compartilhamento, da colaboração e das vivências. Além de local de trabalho, esse lugar promove relações intercorpóreas e intersubjetivas, que permitem experimentar possibilidades para além de se fechar nos erros ou nos acertos. Sendo assim, a oficina artesanal é o ambiente propício para a reciprocidade.

Em educação, tal cooperação ajuda os estudantes a experimentarem princípios relevantes para a vida em grupo, como colaboração, ajuda recíproca, companheirismo e interação, valorizando as relações sociais e interpessoais, sejam concordantes ou conflitantes (Lima, 2020). Tais elementos apontam para uma aprendizagem compartilhada a valorizar encontros e trocas de vivências. Nesta mesma linha de pensamento, Iavelberg (2015, p. 210) afirma que:

A aprendizagem compartilhada entre os alunos é um fator imprescindível nas aulas de arte, porque com isso se quer que cada estudante dialogue a partir dos seus saberes sobre arte e de suas poéticas, efetivando trocas simbólicas e “teóricas” instigantes com os pares no ambiente de aprendizagem.

Se o aprender depende dos signos e, estes, são resultados dos encontros entre os corpos, cabe aos professores organizarem momentos que propiciem o máximo de experiências para aumentar as chances dessas composições acontecerem. Para Orlandi (2021), o aprender é uma ação que não depende do ensinar. O autor nos alerta, contudo, para a possibilidade do ato ensinante se valer da riqueza dos encontros entre os estudantes e entre os estudantes e as coisas que se pretendem conhecer para, assim, favorecer uma gama variada de abordagens, cuja intenção estará sempre no favorecimento de novas e agradáveis experiências para os envolvidos no processo.

Baseados nesta premissa, planejamos e implementamos uma sequência didática diversificada no estilo de oficinas artístico-pedagógicas, de maneira que facilitasse para os estudantes a organização de encontros alegres, que fossem em direção às potências de vida de cada um deles e de suas memórias. “São as ilustrações que capturam a imaginação, que permanecem com o espectador e que conectam ao presente os momentos de nossa história pessoal.” (Zeegen, 2009, p. 12).

Destarte, apresentamos brevemente essa sequência didática a seguir. As atividades propostas se enquadram em quatro segmentos do campo da ilustração: ilustração para redes sociais (em Instagram); ilustração editorial (Jornal e capa de livro); ilustração publicitária (Álbum musical) e ilustração urbana *in loco* (*hobby*).

Iniciamos nossas atividades no período letivo de 2021/2022 com a oficina dos *meios de trabalho livres*, quando realizamos leituras e discussões em sala de aula acerca de conceitos e importâncias da ilustração no mundo do trabalho, na comunicação, na expressão e nas artes, a fim de construir fundamento teórico para sustentar as atividades subsequentes. Essa etapa reflexiva e dialógica oportunizou a realização de alguns esboços relacionando distintos gêneros textuais e imagens. Nesse momento, os estudantes ficaram à vontade para escolher a técnica que lhes fosse mais familiar, questão que nos pareceu

culminar em maior fluidez na concentração das soluções gráfico-visuais. Houve ampla variedade desde aquarela ao desenho digital, até quem preferisse trabalhar com a mistura de meios.

Em seguida, trabalhamos com a oficina de *Ilustração para redes sociais*. Nesta etapa, objetivando uma comunicação autoral expressiva e singular, propomos a criação de frases de efeito em harmonia com imagens que transmitissem uma mensagem particular. Assim, solicitamos aos estudantes que buscassem situações de afetos que desejassem compartilhar através de uma ilustração (texto/imagem) para uma hipotética publicação no Instagram.

A oficina seguinte foi a *Ilustração editorial*. Nesse trabalho, com ênfase em jornais impressos, solicitamos a interpretação de um texto jornalístico de dado periódico, a partir de um desenho específico para a mídia impressa, a exemplo de cartum, charge, caricatura ou tirinhas de banda desenhada. Este encontro foi promovido para desenvolver uma comunicação gráfica com ênfase no olhar crítico, político e comportamental, muitas vezes com dozes de humor acerca de um tema do cotidiano factual.

Demos seguimento aos trabalhos com a oficina de *Ilustração publicitária*, com o objetivo de criar uma releitura de capa para um álbum musical. Nesta, solicitamos que os estudantes resgatassem memórias afetivas e tentassem interpretá-las e demonstrá-las através de elementos gráfico-poéticos que expressassem e sintetizassem a produção fonográfica de sua preferência.

Posteriormente, realizamos a oficina de *Ilustração urbana in loco (in situ)*. Nesta etapa propomos uma atividade de *hobby*. Levamos a turma de estudantes às ruas para que olhassem e sentissem o espaço e o patrimônio edificado em busca de algo que lhes afetasse de alguma forma. Para isso, os alunos se dispersaram pela zona histórica de Bragança, por cerca de duas horas, à procura de uma paisagem urbana que lhes despertasse algum sentido. Diferentemente de desenhar em estúdio com auxílio de fotografia, o desenho no local está inserido no ambiente e propicia a vivência de sua atmosfera, contando com cheiros, sabores, sons e temperaturas advindos do cenário desenhado. Essa experimentação de sentidos favoreceu um encontro afetivo com o espaço urbano.

A oficina seguinte, retornando ao perfil editorial, foi a *Ilustração de capa de livro*. Nesta atividade sugerimos aos alunos que escolhessem uma história popular que tivesse um sentido singular e afetivo de suas memórias para realizar uma releitura por meio de uma interpretação gráfica para proposta de capa de livro. Como havia nacionalidades distintas entre os estudantes, pudemos conhecer e apreciar contos tradicionais de alguns países. Esses contos promoveram o compartilhamento de diferentes expressões culturais que, além de valorizar a produção local, pôde revelar a riqueza artístico-literária de um povo. Chamou atenção, por exemplo, a diferença de utilização da paleta de cores entre estudantes de origem europeia e de origem africana, sendo os primeiros adeptos aos tons mais pastéis e os segundos aos tons mais vibrantes.

Por fim, o *trabalho de conclusão* consistiu na elaboração completa de um livro infantil totalmente ilustrado, e contou com um período mais longo de tutoria e experimentação, ou seja, esta última oficina durou em torno de dois meses de atividades. Sugerimos a criação de um conto infantil inédito ou a utilização de um conto ainda não ilustrado, ou mesmo, de domínio público, apresentando um *layout* próximo ao acabamento final para ser comercializado em livrarias. Nessa fase, portanto, foi necessário pensar não apenas nos desenhos, mas na diagramação, editoração, paginação, encadernação, capa e apresentação profissional que estivesse em sintonia com o universo editorial português. O meio pelo qual desenvolveriam as ilustrações permaneceu livre, assim como, a faixa etária para a qual se destinaria a obra (infantil ou infanto/juvenil) também foi objeto de escolha dos estudantes.

Após o período de procura e definição por uma história foi necessário imergir no universo infantil ou infanto/juvenil, compreender sua linguagem e signos das mensagens inerentes a esse gênero literário. Uma vez escolhida a história, passou-se à definição do formato e da paginação, para, em seguida, realizarem os estudos de traços, materiais, personagens e cenários. Aqui, o objetivo central foi desenvolver um estilo próprio que percorresse as ilustrações do início ao fim, ou seja, uma identidade gráfica. Para tanto, foram necessários estudos tipográficos em busca de harmonização texto/imagem e análises acerca da distribuição homogênea de quantidade textual por página, em busca de um equilíbrio estético-visual para a obra.

As oficinas artístico-pedagógicas ocorreram durante todo o semestre letivo (2021/2022). O trabalho de conclusão foi apresentado em uma exposição coletiva das obras da última oficina em sala de aula, momento em que pudemos compartilhar um pouco sobre as dificuldades, alegrias e os resultados do trabalho realizado. A conclusão, do ponto de vista do ensino, foi bastante satisfatória, todavia, interessa-nos conhecer como os estudantes avaliaram todo o processo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para apresentarmos os resultados e os caminhos que nos conduziram aos mesmos optamos pela técnica da análise do conteúdo, segundo a compreensão de Bardin (1995), que nos inspira a realizá-los em três momentos distintos, mas dialógicos. Dessa forma, realizamos inicialmente as leituras flutuantes, onde repetimos de forma minuciosa a leitura das informações produzidas pelos estudantes para que garantíssemos a familiaridade, pertinência e aprofundamento das mesmas. Em um segundo momento produzimos quadros com as respostas que se mostraram homogêneas e representativas, possibilitadas pela captura de palavras ou frases similares. Nessa fase de codificação, além da enumeração consideramos o contexto aplicado para que produzíssemos as categorias temáticas.

Sendo assim, as leituras dos dados nos levaram a três categorias principais: *Importância dos afetos na formação juvenil*; *Encontros de corpos no cotidiano acadêmico* e *Ampliação da potência humana*. A primeira categoria aborda a influência e a importância dos afetos para a formação dos jovens estudantes como elemento indispensável para o processo criativo. A segunda apresenta as possibilidades e os limites dos encontros entre os corpos no cotidiano acadêmico, e a última categoria mostra como os bons encontros resultam em composição para aumento da potência dos corpos. A tabela 1 ilustra parte desta fase de trabalho.

Tabela 1: Eixos e categorias de análise

<i>CATEGORIAS</i>	<i>EIXOS TEMÁTICOS</i>	<i>TEMAS INICIAIS</i>	<i>ALUNOS</i>
<i>Importância dos afetos na formação juvenil</i>	A importância dos afetos para a formação profissional	Importância técnico-profissional	19
		Importância acadêmica	3
	A importância dos afetos para a formação pessoal	Importância pessoal	11
		Importância relacional	1
<i>Encontros de corpos no cotidiano acadêmico</i>	Encontros tristes: Dificuldade criativa	Dificuldade de criação	7
		Dificuldade técnica	7
	Encontros tristes: Dificuldade técnica	Dificuldade com prazos	2
		Dificuldade de dedicação	4
	Encontros tristes: Dificuldade pessoal	Dificuldade com a motivação pessoal	1
		Avanço desenvolvimento de estilo próprio	4
	Encontros alegres: Aprendizagem criativa	Avanço com criatividade	4
		Avanço pessoal/empatia	1
	Encontros alegres: Aprendizagem de si	Avanço pessoal/ sentido	9
		Avanço com liberdade	2
		Avanço com expressão de sentimento	-
Avanço com autoestima		2	
Avanço com autoconhecimento		-	
Avanço com expressão de sentimento		2	
	Avanço técnico	6	
<i>Ampliação da potência humana</i>	Composição de corpos: Ação educadora	Aprender e a simpatia	1
		Aprender e a compreensão	2
		Aprender e a motivação	2
		Aprender e o bom exercício docente	14
		Aprender e a disposição/atenção/auxílio docente	17
		Aprender e as críticas moderadas	1
	Composição de corpos: Intervenção didática	Aprender e a flexibilidade	1
		Aprender e a leveza	2
		Aprender desafiador	3
		Aprender e o bem estar	2
	Composição de corpos: Protagonismo aprendiz	Aprender dialogado	1
		Aprender e a libertação de si	1
		Aprender e autonomia	2

*Fonte: Elaboração própria*

A categoria *Importância dos afetos na formação juvenil* indica que os estudantes compreendem que quando experimentam momentos em que os afetos são valorizados, ou mesmo, quando são solicitados a acessar questões que os tocam pessoalmente para a elaboração das atividades, eles percebem crescimento tanto na formação pessoal quanto na profissional. “É uma atividade que acaba sempre por enriquecer-nos quer a nível pessoal, quer a nível interpessoal. Ganhamos um certo carinho pelo que fazemos e por quem o fazemos. Expandimos o horizonte.” (E7).

Trazemos em destaque à leitura dos estudantes muito mais voltada para a formação profissional/acadêmica que para a vida pessoal. Em números relativos, mais da metade dos participantes entende que a questão afetiva é ainda mais importante para seu futuro enquanto profissional da área do *design* que para a vida particular. Possivelmente, eles estejam considerando as incertezas do mercado de trabalho e trazendo a dimensão afetiva como um diferencial promissor.

Na categoria *Encontros de corpos no cotidiano acadêmico* eles relatam inúmeras dificuldades, que se enquadram de forma mais generalizada em dificuldades com a criação autoral; dificuldades técnicas, sejam na utilização de alguma ferramenta ou linguagem artística com a qual não teve contato inicial e, dificuldades de ordem pessoal, questões como conciliação com o tempo de estudo e ocupação para os jovens trabalhadores; atender aos prazos solicitados pela academia ou mesmo questões de foro íntimo familiar.

Durante as observações realizadas no período das oficinas, analisamos que o relato dos estudantes sobre as dificuldades de elaboração e execução dos projetos coincidiram com a autoavaliação do resultado dos trabalhos apresentados, não foi difícil perceber o quão paralisantes foram os encontros tristes para os estudantes. Nas falas surgiram expressões autodepreciativas e de descontentamento consigo e/ou com o resultado do trabalho apresentado, mas ao solicitar que analisassem sobre todo o processo realizado, boa parte deles chegavam à conclusão de que o resultado foi comprometido pelo estado de ânimo em que se encontravam durante o exercício solicitado.

Figura 1

*Ilustrações produzidas em sala de aula para a oficina de mídia digital: Frases autorais*



*Fonte: Arquivo da pesquisa*

Nesse sentido, foi preciso acolher as angústias dos estudantes e orientá-los para que organizassem bons encontros afetivos para superar os desafios apontados. Apresentamos aqui o resultado de dois estudantes que revelam, inicialmente, alguma dificuldade criativo/autoral e dificuldade técnica e, posteriormente, afirmam ter compreendido os obstáculos, questões que se demonstram necessárias para a superação da passividade e para o encontro com o próprio desejo de realizar a atividade: “Sim, foi bastante difícil a libertação de um traço rígido para algo mais dinâmico e abstrato, para esta dificuldade tomei como critério o exercer de inúmeros desenhos sem a exploração de o elemento figurativo”. (E6).

O relato que segue denota a importância da escuta ativa e da busca por ações didáticas que favoreçam o pleno desenvolvimento do estudante: “No início estava um pouco receosa com a disciplina por ter MUITA dificuldade

através de desenhos, mas com o tempo e graças a forma como o docente orientava os trabalhos consegui avançar e concluir todos os trabalhos”. (E8)

Já a categoria *Ampliação da potência humana* pode nos mostrar o quanto a ação docente contribui para que os estudantes possam procurar composições afetivas que os levem ao aumento da potência natural e, assim, desenvolver o potencial criativo. Dentre as repostas apresentadas, 36 delas indicam a relação afetiva no processo de aprender associada ao desempenho docente ou a ação didática desenvolvida. Questão que nos leva a refletir sobre a importância/contribuição da docência na formação dos jovens estudantes, assim como, leva-nos a pensar sobre a necessidade de acolhimento e orientação apontada pela maioria dos jovens. Resultados que podem indicar necessidades de investigações futuras.

Quanto à ampliação da potência a partir da compreensão afetiva de si tivemos 31 respostas. Surgem neste eixo específico elementos como autoestima, autoconhecimento, descoberta de sentidos, expressão de sentimento, sensação de liberdade, entre outros. Todos estes são apontados como elementos que os deixam satisfeitos e realizados consigo mesmos.

Os relatos aqui revelaram maior expressão criativa por parte dos estudantes, ainda que tenha surgido, inicialmente, de inúmeras dificuldades técnicas. Essa constatação pode estar nos indicando que houve uma reavaliação acerca da própria noção de competência individual para desenvolvimento das atividades. A mudança é percebida tanto nos resultados dos trabalhos apresentados, alguns dos quais mostraremos adiante, quanto nos relatos dos próprios estudantes: “[...] nos ajudou a libertar mais e seguir novos caminhos.” (E14); “em todos os trabalhos conseguimos evoluir de alguma maneira[...]” (E23).

A seguir exibiremos os resultados de alguns dos trabalhos realizados durante as oficinas artístico-pedagógicas por estudantes do curso de Arte e Design de uma instituição de ensino superior, figuras 2 e 3.

Figura 2

*Ilustração de capa de livro (à esquerda) e releitura de capa de álbum musical (à direita)*



Fonte: Arquivo da pesquisa

Figura 3

*Capa de livro infantil, ilustração e conto de autoria da estudante (à esquerda) e página interna de livro infantil ilustrado por outro aluno (à direita)*



Fonte: Arquivo da pesquisa

## CONCLUSÕES

Todo movimento do ensino é intencionalmente voltado para o aprendizado dos estudantes, todavia, não há em nenhum método a possibilidade de garantia da efetividade do mesmo. A didática desenvolvida pelos professores é, sem dúvida, um importante dispositivo teórico-metodológico para o desenvolvimento de boas intervenções em sala de aula. Mas o aprender vai além, pois depende da atividade do aprendiz. E não estamos falando de qualquer aprendizado, mas daquele que supera o mero ato mecânico de reproduzir conceitos já estabelecidos, o aprender que está associado ao ato criativo.

As oficinas artístico-pedagógicas, portanto, foram estratégias didáticas menos diretivas e estimuladoras, na medida em que possibilitaram diversidade de técnicas, organização de espaços e grupos de trabalho. O que não impediu que, em dado momento, esbarrasse em dificuldades apontadas pelos estudantes. Algumas limitações apresentadas estavam aprisionadas nos afetos de tristeza e, geraram sensação de impotência e incapacidade. Somente quando os estudantes experimentaram encontros positivos, tenham sido com o docente, com outros colegas e/ou com determinada técnica ou linguagem, foi que conseguiram romper com a paralisação inicial e puderam experimentar suas capacidades criativas.

A arte e seus signos artísticos favorecem o despertar para uma outra forma de ver o mundo. Podemos afirmar que, durante nossas oficinas didáticas, a atividade do desenho se revelou um outro elemento fundamental para auxiliar os estudantes nos encontros alegres. Desde a descoberta de um estilo próprio ao acesso de sentimentos pessoais, a linguagem artística do desenho esteve presente e contribuiu para que os estudantes interpretassem não somente as atividades propostas, mas questões particulares e, também, profissionais.

Entendemos que é possível que alguns resultados não tenham expressado o grau máximo de potência possível dos jovens aprendizes, mas podemos inferir que o caminho trilhado é de valorização da busca do sensível para ir além dele. Sentir, interpretar, experimentar são ações que denotam a busca pelo novo, digamos que seja o ponta pé inicial para o processo criativo, que

se consolidará à medida que o sujeito extrapole o campo imaginativo; saia do domínio do outro; livre-se das amarras do pensamento pela representação e se permita superar o instituído.

Não ousamos, com isso, avaliar se os nossos estudantes alcançaram o pensamento puro, mas perscrutamos o impacto que essas ações didáticas, desenvolvida durante a unidade curricular Ilustração, provocaram no caminhar dos jovens em busca de sentidos singulares no processo criativo de suas propostas visuais, as quais julgamos ser relevantes tanto para suas futuras profissões, sobretudo, quanto para suas vidas.

## REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. (Coleção Logos). Moderna.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia prática*. Escuta.
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e Repetição*. (2a. ed., L. Orlandi & R. Machado Trad.). Graal.
- Deleuze, G. (2003). *Proust e os signos*. (2. ed., A. Piquet e R. Machado Trad.). Forense Universitária.
- Escóssia, L. da, & Tedesco, S. (2015). O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica. In: E. Passos, V. Kastrup, & L. da Escóssia (Orgs.). *Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina, pp. 150-171.
- Espinosa, B. (2015). *Tratado da emenda do intelecto*. (C. N. de Rezende Trad.). UNICAMP.
- Espinosa, B. (2020). *Ética*. (2a ed., T. Tadeu Trad.). Autêntica.
- Heidegger, M. (2001). *Ser e tempo*. (10. ed., parte I, M. de S. Cavalcante Trad.). Editora Vozes.
- Iavelberg, R. (2015). *Da arte-educação modernista à pós-modernidade: fluxos*. (Tese livre-docência). FEUSP.
- Kastrup, V., & Barros, R. B. (2015). Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: E. Passos, V. Kastrup, & L. da Escóssia (Orgs.). *Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.

Lima, M. S. (2020). *Desenhar é preciso?* O ensino de Desenho como grande área de conhecimento para a formação integral nos Institutos Federais. (Tese de doutoramento). Universidade de São Paulo.

Mubarac, L. C. (2013). Anotações sobre o desenho do corpo e a anatomia. In: J. L. Pistelli. *O lápis e o bisturi*. Narval, Attar Editorial.

Orlandi, L. B. L. (2021). Que se passa entre ensinar e aprender? *Caderno de Filosofia e Psicologia em Educação*. Ano XV, n. 25, jan-jun, pp. 12-40.  
<https://doi.org/10.22481/aprender.i25.9637>

Sennett, R. (2009). *O artífice*. (C. Marques Trad.). Editora Record.

Zeegen, L. (2009). Fundamentos de ilustração [recurso eletrônico]. (M. Bandarra Trad.). Bookman.

Direitos Autorais (c) 2023 Márcio Santos Lima & Cláudia de Medeiros Lima



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)